



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

7026 - Trabalho Completo - XV Reunião Regional da ANPED Centro-Oeste (ANPED-CO) (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 02 - História da Educação

ESCOLHAS E ATUAÇÃO: HOMENS PROFESSORES E CRIANÇAS NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO.

Adriana Horta de Faria - UFGD - Universidade Federal da Grande Dourados

ESCOLHAS E ATUAÇÃO: HOMENS PROFESSORES E CRIANÇAS NA HISTÓRIA DE MATO GROSSO (DO SUL).

Apresento nesse trabalho um excerto da dissertação de mestrado intitulada “Trajetórias docentes: Memórias de professores homens que atuaram com crianças no interior de Mato Grosso do Sul (1962 -2007)”. O objetivo da pesquisa foi analisar como atributos impostos ao gênero contribui para a escolha e atuação de homens na história da docência com crianças em municípios do interior de Mato Grosso (do Sul). Ressalto que a colonização desses locais ocorreu ainda quando o estado de Mato Grosso (MT) era unificado, pois o estado de Mato Grosso do Sul (MS) só foi criado posteriormente, com a divisão ocorrida por meio da Lei Federal Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977, que desmembrou o antigo Mato Grosso (BRASIL, 1977).

Indivíduos do sexo masculino trabalhando em salas de aula com crianças já não era comum em boa parte do Brasil desde o início do século XX. Entre os motivos do egresso masculino da profissão estão os salários, o baixo prestígio, o processo de industrialização e a concepção de que as mulheres são educadoras natas, visto já cuidarem de seus filhos.

Nesse sentido, alguns comportamentos, atitudes e normas do dia a dia são atribuídas às mulheres, como, por exemplo: formas de sentar, gestos delicados, pudor, discrição, manejo e trato de assuntos domésticos no espaço privado com a casa e as crianças, entendendo-se que esses traços definem o feminino. Em contrapartida, dos homens esperam-se gestos e voz forte, aptidão física, comportamentos firmes, autoritários, seguros, e comportamentos mais rudes (LOURO, 2007).

Essas concepções arraigadas em nosso grupo social procedem por estarmos imersos em um determinado modelo de civilização. Trata-se de uma “[...] civilização que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada, sem que perguntemos como viemos a possuí-la, é um processo ou parte de um processo em

que nós estamos envolvidos” (ELIAS, 1993, p. 73).

Assim, as civilizações vêm indicando lugares, entendidos como configurações sociais para homens e para mulheres, definindo a função de cada indivíduo na sociedade. Por configurações entendemos, ao modo de Elias, como resultados das relações de interdependências recíprocas, ou seja, grupos de pessoas com vínculos específicos e móveis (ELIAS, 1993). Esse padrão pode ser aplicado a pequenos ou a grandes grupos, como os professores de uma escola ou os indivíduos que compõem um país (ELIAS, 1993). O conceito elisiano de interdependência ajuda a compreender tal perspectiva:

[...] planos e ações, impulsos emocionais e racionais de pessoas isoladas constantemente se entrelaçam de modo amistoso ou hostil. Esse tecido básico, resultante de muitos planos e ações isolados, pode dar origem a mudanças e modelos que nenhuma pessoa isolada planejou ou criou. Dessa interdependência de pessoas surge uma ordem *sui-generis* (sic), uma ordem mais irresistível e mais forte do que a vontade e a razão das pessoas isoladas que a compõem. É essa ordem de impulsos e anelos humanos entrelaçados, essa ordem social, que determina o curso da mudança histórica, e que subjaz ao processo civilizador. (ELIAS, 1993, p. 194).

Norbert Elias nos ensina que estamos envoltos em uma rede de ações que nos ligam mutuamente um ao outro, pelas próprias relações de dependência entre nós (ELIAS, 1993). Para Elias, dentro dessas configurações existem “modelos de jogos”, ou seja, regras, padrões e normas que constituem os indivíduos enquanto grupo e determinam a distribuição do poder entre eles.

Nesse contexto, todos os indivíduos, componentes de uma configuração, se movimentam de acordo com necessidades e interesses, provocando tensões que são parte da organização social nos quais o poder está inscrito no interior do grupo.

A metodologia usada foi a história oral temática. Realizamos entrevistas que se apoiaram na memória desses indivíduos e naquilo que emergia do seu passado. Em vista disso, compreendemos a memória para além da capacidade humana de conservar e de transmitir as produções materiais e intelectuais produzidas em diferentes tempos e espaços. Percebemos os estudos da memória como possibilidade de colocar em evidência indivíduos, vivências e trajetórias que podem contribuir com seu grupo, pois

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” [...]. Pela memória, o passado vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “desloca” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (MEIHY, 1994, p. 46-47).

No decorrer das narrativas, a memória do indivíduo realiza essa associação entre os acontecimentos passados com os conceitos do que essa lembrança representa hoje. O nosso *locus* empírico localiza-se nos municípios de Naviraí, Mundo Novo, Japorã e Itaquiraí, pois nessas cidades encontramos três professores homens que atuaram, por toda a sua trajetória profissional, com crianças. Diga-se, contudo, que trabalhar na docência com crianças não foi parte de uma escolha no percurso da vida desses três professores que atuaram entre os anos de 1962 a 2007. Para esses indivíduos, o estudar e a inserção no magistério foi parte de um processo não planejado ou, como diria Elias, um “processo cego”.

Para esse autor não há um ordenamento ou planejamento nas ações impostas às

pessoas e as trajetórias estão sempre sujeitas ao acaso, ou seja, ao não planejado, ao incontrolável e ao inusitado, mesmo que tenhamos a prerrogativa de planejar. É possível dizer que os professores entrevistados se inseriram em um espaço de atuação com predominância feminina devido às relações de interdependências vivenciadas nesses contextos.

Parte da trajetória dos professores pode ser creditada a oportunidades e a necessidades sociais que foram surgindo com a divisão do trabalho. No cotidiano, os professores relataram as suas experiências em uma profissão historicamente constituída como feminina. O magistério, que a princípio era lotado por homens e oferecido apenas para meninos, passa ser ocupado por mulheres. A profissão então é instaurada como a extensão do lar. Nas memórias dos professores, as mulheres apresentam características no exercício da profissão consideradas como femininas e a sociedade encara a profissão como adequada para esse gênero.

Eles, entretanto, afirmaram não terem enfrentado dificuldades em atuar na profissão, embora tenham citado que ter homens trabalhando com crianças causou estranheza entre os pais e os docentes precisavam constantemente comprovar que não iriam oferecer perigo à integridade física das crianças. Os indivíduos dessa pesquisa enfrentaram conflitos ao longo do exercício de sua atuação docente, conflitos provenientes de variadas pré-concepções estabelecidas socialmente, como desconfiança, preconceitos e discriminação.

Por outro lado, os professores destacam como favoráveis alguns atributos impostos ao gênero masculino, como, por exemplo, a autoridade relacionada ao poder. Nesse processo e balança de poder, os professores destacam a autoridade exercida sobre os alunos é a disciplina, pois, com o aval dos pais, os professores estavam autorizados a punir as crianças. Na história da configuração escolar, a autoridade foi atribuída ao professor e o poder era legitimado pela sociedade.

Nesse modelo de distribuição de poder, nele vigilância, premiações e castigos, inclusive os físicos, eram mecanismos de coação que poderiam ser utilizados em caso de necessidade. Elias (2009) mostra, que a civilização precisou internalizar códigos de conduta e de controle das emoções para conseguir formar a sociedade como a conhecemos hoje.

Desta forma, os indivíduos que compõem a sociedade precisaram agregar processos de pacificação e de solidariedade aos novos padrões de conduta, ainda as redes de interdependências que contribuem na construção das identidades masculinas e femininas, e os modos como tais modelos influenciam nos aspectos profissionais dos indivíduos e historicamente, vêm mudando conforme as conveniências. Assim, características atribuídas ao gênero, em um processo civilizador da sociedade, podem interferir na escolha e na atuação profissional, onde estão presentes relações de poder entre os indivíduos nesses espaços de atuação.

Palavras-Chave: Docência Masculina. História da Educação. Norbert Elias.

REFERÊNCIAS

ELIAS, N. **O processo civilizador:** formação do Estado e civilização. Volume 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

ELIAS, Norbert. **Sobre os Seres Humanos e suas Emoções:** um ensaio sob a perspectiva da sociologia dos processos. In: GEBARA, Ademir; WOUTERS, Cas. O Controle das Emoções.

João Pessoa: Editora da UFPB, 2009. P. 19-46

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MEIHY, J. C. S. B. Definindo história oral e memória. **Cadernos CERU**, v. 5, s. 2, p. 52-60, 1994.